3.1 Artigos Originais

3.1.1 Dialogismo na depressão: um encontro.

Andrea Altarego Matta Ramos

Licenciada em Letras e pós-graduada em Psicopedagogia.

E-mail: andrea_altarego@hotmail.com

Luiz Claudio Bido

Docente e orientador da Universidade Santo Amaro – UNISA, São Paulo, Brasil.

E-mail: bido282828@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

RAMOS, A. A. M.; BIDO, L. C. **Dialogismo na depressão: um encontro.**

URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html. São Paulo SP, v.9, n.3, p. 50-65, jul/2019

_____

RESUMO

No presente artigo estuda-se a legitimidade do dialogismo com sujeitos depressivos. Na pesquisa há um levantamento não de interpretações discursivas, mas sim de elementos teóricos que preconizam o discurso como elemento ativo no processo terapêutico em sujeitos com Transtorno Depressivo Maior. A pesquisa se estrutura a partir do estudo exploratório em princípios filosóficos do existencialismo (HEIDEGGER, 2012). Contemplou-se também o estudo exploratório sobre o dialogismo (BUBER, 2001), (BAHKTIN 2002), Linguística (JAKOBSON, 2007) e Análise do Conteúdo (BARDIN, 2016) no que se identificam as peculiaridades da linguagem na depressão. A partir destas escolhas, esperar-se-á que o leitor compreenda o desejo de encontro do sujeito e as possibilidades humanizadas provenientes da necessidade do diálogo como uma forma e início de ação e não encerrar as técnicas terapêuticas em um fim de interpretações linguísticas do discurso com as similitudes dos critérios diagnósticos da depressão.

Palavras-chave: depressão, discurso, dialogismo, existência.

_____

ABSTRACT

In this article we study the legitimacy of dialogism with depressive subjects. In the research there is a survey not of discursive interpretations, but of theoretical elements that advocate discourse as an active element in the therapeutic process in subjects with Major Depressive Disorder. The research is structured from the exploratory study on philosophical principles of existentialism (Heidegger, 2012). The exploratory study on dialogism (BUBER, 2001), (BAHKTIN 2002), Linguistics (JAKOBSON, 2007) and Content Analysis (BARDIN, 2016) was also contemplated to identify the peculiarities of language in depression. From these choices, the reader will be expected to understand the subject's desire for encounter and the humanized possibilities arising from the need for dialogue as a form and beginning of action and not to close therapeutic techniques in an end of linguistic interpretations of discourse with the similarities of the diagnostic criteria of depression.

Key words: depression, discourse, dialogism, existence.

_____

INTRODUÇÃO

A depressão não se encerra em um conglomerado de disfunções químicas, estressores e traumas. Acredita-se que o próprio termo em sua amplitude desvela um rebaixamento, uma queda diante da vida, diante de si. Categorizar sintomas e sinais perante um possível transtorno não é de menos valia, não obstante não anula a veracidade dos arrabaldes de um viver não pertencido em si, de um sofrimento por vezes não identificado nos critérios nosológicos.

A tristeza é um sentimento que pode ocorrer frente a um determinado evento, frustrações, luto, enfim, é normatizada ao existir humano, mas geralmente é possível lidar com esse sentir e não ter intercorrências debilitante nas ações cotidianas.

Hodiernamente, com a disseminação na mídia, há um aumento de busca por diagnóstico e tratamento da depressão, assim como de maneira intrigante também exista um aumento de pessoas que buscam a vivência em redes sociais como um universo de legitimação de um existir e assim de serem vistos, percebidos, mas a questão que se inicia neste estudo exploratório é o desejo de encontro na intervenção terapêutica, a busca de compreensão que ultrapassa os reguladores químicos, as análises interpretativas do real pilar de busca do sujeito, os desvelamentos do sofrer, o intento de ser entendido em peculiaridade de ser único no modo de dor e dessa maneira não se estar mais sozinho e imerso em exclusão por não conseguir um outro a quem se possa ser visto.

Perceber o universo da linguística, os signos, significados e significantes que compõem a comunicação, analisar o conteúdo além de palavras e sim em suas aberturas de encontros nos discursos, faz-se fundamental para o reconhecimento da busca pelo diálogo genuíno de quem nos cerca, uma vez que a linguagem é uma atividade humana, social, histórica. Atribuímos também ao discurso o papel bidirecional, concreto e que medeia o indivíduo e o mundo.

_____

A linguagem, o dialogismo, a comunicação em sua totalidade é uma ação tipicamente humana, com racionalidade no falar. Há um transpor do diálogo mecanizado dos protocolos, critérios e sintomas, enraizando a necessidade de conhecimento íntimo, de um apresentar-se ao outro.

A dor existe, a dor deprime as funções cotidianas, deprime a energia vital, entretanto acredita-se que não é a existência da dor o golpe fatal que neutraliza uma vida autêntica e sim a inexistência do encontro. A surdez, seletiva para as palavras confusas, poéticas, metaforizadas é um elemento que pode instaurar ou tornar mais perdurável uma possível resistência do sujeito em terapia.

1.1 Delimitação do tema

A pesquisa explora a identificação e a gnose do dinamismo da depressão e a validação do dialogismo como recurso autêntico de empatia e resistência à dor psíquica.

1.2 Problematização

É possível entender e usar o dialogismo como modo de encontro e auxílio em sujeitos depressivos que carecem de escutas para as tão enclausuradas enunciações do sofrer?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Descrever o discurso no Transtorno Depressivo Maior em suas constituintes linguísticas.

1.3.2 Objetivos Específicos

a) Identificar as possibilidades e as condições para o encontro do sujeito com depressão em uma condição de desvelamento dos signos e similitudes na esfera dialógica da natureza humana.

b) Apresentar as possíveis representações comunicativas no discurso metaforizado.

c) Delimitar o modelo de discurso no processo depressivo e a partir desta premissa, buscar uma compreensão do processo de existir no

encontro com o outro. Minimizando um possível movimento amorfo, por vezes coisificado na contemporaneidade da liquidez de escuta.

1.4 Hipótese

A hipótese que sustentamos no início desta investigação científica afirma que a depressão e o sofrimento ultrapassam o território da somaticidade para transbordar na dinâmica das relações interpessoais. A ausência do dialogismo é o evanescer dos signos, impulsionando o sujeito para o ciclo do sofrer em si.

1.5 Metodologia

No presente artigo utilizou-se como método a pesquisa exploratória, combinada com a pesquisa descritiva. Realizou-se estudos bibliográficos, com descrição qualitativa dos levantamentos obtidos e empregou-se a análise do discurso como ferramenta de compreensão sobre as possibilidades de um encontro com sujeitos deprimidos, descrevendo os elementos discursivos subjetivos que refletem tanto a identificação do estado depressivo do sujeito como as possibilidades de reflexões no agir cientificamente na atuação empática a partir do entendimento do encontro dialógico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entendemos que a observação discursiva, faz parte de um fenômeno humano, uma atuação imersa em experiência de existir em um mundo que é preciso ser visto, mas que para ser visto é preciso se mostrar, é necessário aparecer mesmo aparentando ser o que ainda não se é, o fim, um começo ou um mudar o jeito de ser. (HEIDEGGER, 2012).

A pesquisa qualitativa oferta aspectos interpretativos e reflexões em uma determinada temática, não obstante exige aplicação tecnicista para não se perder em pressupostos vazios. (SHAUGHNESSY; ZECHMEISTER E., e ZECHMEISTER, J., 2012)

Relacionando as teorias elencadas com a análise do conteúdo discursivo da personagem, surge o contexto depressivo que se alimenta

e é concomitantemente alimentado gerando a sensação de abandono; solidão, entretanto ao entender o desejo subjacente ao discurso, ao ir além da decodificação de fonemas ou estruturas morfológicas, surge a possibilidade de entender o produtor da linguagem e portanto possibilidades de intervenção. (BARDIN, 2016)

Na exposição qualitativa os dados dimensionados; sentir-se abandonado, sentir-se sem escuta permitem a construção de um paradigma de que a pessoa em depressão, conforme Solomon (2018) não apenas vale menos: ela se entende menos, ela se vê menor, diminuta e aprisionada em uma alcova de palavras perdidas em um labirinto de muros que impedem a passagem de qualquer som, há o que dizer, não há alguém para escutar.

Os métodos utilizados coligem para importância das relações humanas na construção de um mundo histórico, permeado de experiências, Dilthey (2009, p. 177-178) constata que:

> [...] Toda palavra, toda frase, todo gesto ou fórmula de etiqueta, toda obra de arte e todo fato histórico só são compreensíveis porque um elemento comum articula aquilo que se exterioriza neles com aquele que compreende: o particular vivencia, pensa e age constantemente em uma esfera própria ao que é comum e somente em tal esfera, ele compreende.

Questões vinculadas ao ato de existir e de que maneira isto se manifesta: o sentido da vida, a importância das escolhas e suas implicações, a necessidade de uma vida autêntica, na qual as distorções e o mutismo existencial seletivo não sejam impeditivos para um viver no aqui agora, no estar no mundo com consciência de abertura e participação ativa em um viver que é circundante. (HEIDEGGER, 2012)

A linguagem na depressão que tratamos busca estabelecer um diálogo com a existência de cada um, vivenciados a partir de escolhas no exercício da liberdade que nada mais é do que a chance do Ser. Embora o questionamento do que seria esse Ser, quem ele o é e mais profundamente quem eu o sou possa elucidar os mais ávidos indagadores por uma resposta objetiva, o intuito não é conceituar um

termo e sim conscientizar a existência de um Ser, uma resposta não determinada, mas concreta. (HEIDEGGER, 2012, p. 51):

> Ser é cada vez o ser de um ente. O todo do ente pode se tornar o campo em que se põem - em - liberdade e se delimitam determinados domínios - de - coisa, segundo seus diversos âmbitos. Domínios - de - coisa que de sua parte, por exemplo, história, natureza, espaço, vida, Dasein, linguagem etc. podem ser tematizados como objectos (Gegenständen) das correspondentes investigações científicas.

Na ausência ou minimização de interlocutores que compreendem não necessariamente a mensagem, mas sim o anseio, o desejo, a solicitação do locutor, este fluxo tende-se a tornar diminuto e posteriormente interrompido, uma vez que elementos constitutivos da comunicação se esvanecem na dimensão de coisificar o ato de desvelar-se para o outro. (BUBER, 2001, p. 4)

A vida do ser humano não se restringe apenas ao âmbito dos verbos transitivos. Ela não se limita somente às atividades que têm algo por objeto. Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa. A vida do ser humano não consiste unicamente nisto ou em algo semelhante.

O indivíduo ao perceber a nulidade da mensagem enviada, de maneira consciente ou inconsciente, o cerceamento provocado na busca de transição de totalidade do encontro, a redução do conceito à sentido único, a desvalia do símbolo que por si só designa uma totalidade significativa, reconhece dois desfechos: a aceitação do equívoco do ato de questionar, desejar e transcender uma relação humana normatizada e assim um conformismo protetivo que acompanha uma mecanização do pensar e agir e o desaparecimento do símbolo causando o bloqueio, esquecimento de que há caminhos a fim de compreender e vivenciar o passado com o presente e expectar o futuro; culminando na morte do símbolo, destruição da legitimidade de exteriorizar os sentimentos por meio da linguagem e assim destruição das pontes causando um interdito

no processo transcendental do ser humano que é a comunicação em detrimento de um fim. (NASSER, 2003)

O contexto com o que nos defrontamos e que contempla a experiência do inexistir com a essência do ser, abre-se a ponte de um dialogismo fruto da condição linguística que é necessariamente antropológica. Por sermos e nos manifestarmos nesta dimensão como antropos, experimentamos e somos experimentados pela conjuntura mortalidade- transcendência. Ao mesmo tempo em que a eternidade da existência circunda o cotidiano de nossas vidas, temos o direito e a oportunidade do exercício daquilo que misteriosamente nos faz humanos. (BAKHTIN, 2003)

Bauman (2001) retrata que o dizer e o escutar se diluem na liquidez das interações, nem sempre se evita algum tipo de proximidade, de encontro, mas o perigo, não bem definido, tende a ser menor se evitar o contato, o não falar.

A percepção de uma, ainda que equivocada e errática, certeza do ser menos gera uma usina de sensações e impressões que irão remeter a pessoa à solidão. (SOLOMON, 2018)

Cumpre esclarecer que o termo solidão, aqui utilizado, é por nós significado com a ideia de inexistência ou o impedimento da existência. Como a maior manifestação do existir que um ser humano pode ter no universo linguístico é a possibilidade de se expressar como pessoa. O verbo é a manifestação do viver. (JAKOBSON, 2007)

A comunicação em sua totalidade é uma ação tipicamente humana, com razão no dizer no processo magnético que atrai elementos que se repelem sem um meio, sem um instrumento. Faz parte de uma vivência de ser e estar, sigilo e declarações, concretude e subjetivismo. (BUBER, 2001).

O sujeito ao procurar um diálogo já demonstra um desejo. Não há de se falar qual o é, uma vez que seria de uma pueril especulação, entretanto é possível sugerir que há busca de uma necessidade não satisfeita, de um ciclo não encerrado, de um procurar por auxílio, por suporte, por um diálogo, por um encontro. O encontro em uma relação, em um estar, sendo que conforme BUBER (2001) a edificação do

homem que se fundamenta no relacionar-se está escassa e o que se tem é o predomínio de um conjunto de homens ausentes, sem diálogos, sem dizeres.

O Transtorno Depressivo Maior, TDM, faz parte de um grupo denominado de Transtornos Depressivos (APA, 2013).

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, (2013) o TDM representa a forma clássica do grupo de transtornos e entre as características pode-se citar a temporalidade, geralmente duas semanas de episódios distintos, não obstante é comumente maior o período de apresentações de episódios, alterações no afeto, na cognição, nas funções psicomotoras e neurovegetativas. Entre os episódios podem ocorrer remissões dos sintomas.

Nos critérios para se diagnosticar o transtorno, cinco ou mais sintomas devem estar presentes e não podem ser excluídos o humor deprimido e ou a perda de interesse ou prazer. (APA, 2013)

Não se anula a credibilidade ao tratamento medicamentoso indicado por médico especialista, uma vez que a utilização de psicofármacos pode ser representativa na redução de sintomas e ou nos tratamentos de efeitos secundários à doença, como insônia, irritabilidade, perda de apetite, mas deve-se preconizar o uso em aliança ao tratamento psicoterapêutico a fim de proporcionar ao paciente condições de autenticidade no viver, na mediação de ressignificações e principalmente na oportunidade de encontro com o que pode estar encoberto por etiologias diversas: traumas, medos, frustrações, acovardamento, enfim situações únicas que podem ser compartilhadas em um dialogismo de se entender por ser entendido como pertencente ao universo humano.

Discorrer sobre dialogismo e depressão é desvelar uma parte de um cenário de representações concretas e abstratas na escolha de termos com significação, mas nem sempre com signos enclausurados em categorias sistemáticas, sendo que as possibilidades de aproximações transcendem qualquer resquício cartesiano sem infringir as leis do cientificismo.

_____

Na Semiótica, os signos representam tudo o que pode ser representativo para alguém, deles podem ser desenvolvidos por outros signos que são constituídos de interpretantes a fim de assemelhar e conectar um objeto passível de interpretação, o intérprete do Signo. (PEIRCE, 2000)

Sendo a semiótica também um estudo dos signos que são partes da ambivalência do existir em completude com os pensamentos, sentimentos, reações e relação do indivíduo consigo e com o meio, considera-se importante mencionar uma síntese sobre os códigos linguísticos que envolvem não só a palavra depressão, mas possibilidades de evocação de outros signos, entendendo que não há um receptáculo hermético de atribuições de sentidos, uma vez que tais signos operam na individualidade do ser que faz parte de um estar não estático e por isso não cristalizado em definições. (PEIRCE, 2000)

Uma vez os estudos da semiótica são auxiliadores para entender o processo de comunicação e corroboramos que comunicar é expressão, manifesta ou subjetiva, de desejos , faz-se jus mencionar exemplos de interpretantes que buscam uma similitude no que possa ser despertado, de sensações, verdades, no intérprete.

Entendendo a semiótica na relação comunicativa e postulado que comunicação é manifestação de enunciados, identificam-se na linguagem verbal e não verbal a busca de objetos de similitudes. Conhecendo e debruçando-se sobre a totalidade do signo, aproxima-se da condição de intérprete que não se resume a um decodificador de imagens, palavras, mas sim de sentidos que promovem um encontro.

Há uma concepção dialógica e não monolítica no sistema linguístico, validando o movimento de busca de encontro e por ocorrer encontro, há o que é real. (BAKHTIN, 1992)

Dessa forma apresenta o real como cognoscível não pela ausência simples de divagações por ser algo apresentado da forma que o é, mas não suprimindo o caráter humano da possibilidade de equívoco no que é considerado certeza. (PEIRCE, 2000).Há um encontro que só ocorre na medida em que todo o meio, permeado por obstáculos, seja removido, sendo desse modo a palavra princípio EU – TU o que fundamenta o mundo da relação. (BUBER, 2001)

_____

Estar para o outro ultrapassa o estar com alguém, não é um encontro fantasioso, anula-se qualquer parecer que intenta decifrar um enigma, é presença, dialogismo. “Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.” (BUBER, 2001, p. 9)

Esta figura de linguagem sob uma perspectiva existencialista sempre nos aponta para o contexto que ela traz e principalmente o proprietário que dela se serve para expressar algo. É desta maneira que o outro é proprietário da metáfora: ele, pessoa, a possui porque ela, metáfora, traz uma realidade afetiva que é própria de seu autor (de autós = a si próprio).

O diálogo ocorre então em detrimento de relações verbais de um discurso que carrega anunciação ou anunciações em um encontro de interlocutores, ora o signo ou os signos são constituintes da mensagem que medeia os sentidos, resultando então em um dialogismo.

Ao elencarmos os signos diálogo e dialogismo e encontramos uma amplitude na esfera da existência humana; um fenômeno que acontece entre o Eu e Tu que pode ser permeado de palavras, de interação. (BUBER, 2001)

Tal fenômeno oferta uma significância mais complexa, posto que não se reduz ao verbo sonoro, mas em toda e qualquer tipo de comunicação. A ausência de voz, não diminui a autenticidade do encontro, assim como a linguagem subjetiva não diminui a autenticidade do enunciado. O viver é dialógico e operativo na ação e no estado de presença se relacionar com a natureza, com o homem ou com o espiritual.

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. [...] A segunda é a vida com os homens. Nessa esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. (BUBER, 2001, p. 6 e 7)

_____

Ao falarmos em dialogismo, vemos em Buber (2001) a importância das relações como fator indissociável deste fenômeno. Para que seja possível um Eu, há de existir um TU. Não se trata apenas de ocupar um mesmo espaço, uma relação de pares. É um estar ao outro, ser atento ao outro, concentra-se neste outro e assim, pode-se coligir para a idiossincrasia do encontro dialógico com reciprocidade, um atuar com o TU e o EU, voltar-se para alguém e desse modo a consciência deste último se desvela .

O transtorno depressivo é incurável! Então estaria o homem condenado a viver na depressão? Alguns podem mencionar a conceituação de cura e doença em diferentes aspectos e relacionar o processo de cura como aceitação, estagnação dos sintomas, mas o fato é que a psiquiatria fala em manutenção da remissão dos sintomas, não em cura.

Dessa maneira, como existir circundado por uma possibilidade de retorno ou continuidade de sofrimento, anseios e temores presentes ou presentificados na realidade do sujeito?

Cabe descrever, ainda que em uma análise inicial, alguns pressupostos do Existencialismo, uma vez que falar de viver é falar de existir em uma esfera de possibilidades de ser o que se é ou o que ainda não se é a partir do ser existente. Tal jogo de termos aparentemente prolixos revela o pensamento que o homem pode se definir e não apenas se contemplar na estática do Ser, uma vez que o Ser é relacionado com o Ente. O homem diferencia-se por não estar-no-mundo e sim por estar-no-mundo- dos homens. (HEIDEGGER, 2012)

O outro conceito, a autenticidade, promove ao homem a consciência realística entre a dualidade do humano e não humano e o desconhecimento, ou seja, a inautenticidade, que o leva a uma queda, a um desamparo. (HEIDEGGER, 2012)

A inautenticidade de um indivíduo o imerge em um anonimato do existir de forma autêntica para um Ser-Aí, uma anulação, um embotamento e enfraquecimento do agir, um consumidor de opiniões e modelos alheios, com pensamentos e sensações perturbadoras, ansiogênicas e aterrorizantes que afundam e aprisionam o sujeito em um arcabouço não de morte, sendo que esta tem outro significado para

Heidegger, mas de superficialidade sem questionamentos, com palavras vazias, com prejuízo na expressividade da linguagem e assim como esvanecimento e por fim clausura do próprio eu. (HEIDEGGER, 2012)

O que sabemos é que nem tudo o que aparece, nem tudo o que é dito é o que se quer na verdade dizer. Na ausência de dialogismo a condição de elaborar os conflitos fica mais dificultosa, às vezes impedida.

Contraditoriamente nunca se teve tantos recursos para se comunicar e ao mesmo tempo defrontamo-nos com um público silenciado pelo volume de informações e troca de mensagens. O processo do falar suplantou a oportunidade de se dizer, bem como estar com alguém não significa estar em companhia de alguém.

Com efeito, procuramos demonstrar que do sofrimento é possível o nascimento de um aprendizado a partir das experiências dele decorrentes e que a partir dele seja possível que a pessoal ultrapasse os limites perimetrais do que a faz sofrer para se estabelecer como uma integridade psicofísica espiritual. É aqui que

A compreensão da natureza humana pressupõe um entendimento de que somos seres híbridos em diversos aspectos e tal é o motivo e a justificativa de que não se torna simples ou fácil a discussão de um diagnóstico mais preciso ou de uma terapia que seja a mais adequada. O que ocorre é que cada pessoa traz em si um conjunto de hábitos, valores e tendências que não apenas apresentam as origens da pessoa, como também a realidade da qual ela faz parte e em concomitância, é ator no palco da sua existência.

Na capacidade de analisar a importância do discurso e não o caráter indutivo das interpretações do discurso, há oportunidade, mesmo na linguagem subjetiva, de uma intervenção que auxilie o sujeito no processo de cura, entendendo cura em uma condição de possibilidades de sentir-se melhor.

Abrir-se para a compreensão do sentido da mensagem para um viver que muitas vezes aparenta se manifestar de modo pusilânime existencialmente, mas que deseja encontrar alguma força e, portanto,

uma possibilidade de mudança, não obstante que precisa do outro,precisa do Eu e do Tu.

A questão que se abre reside na constatação de que quando ele, verbo, agente próprio do ser e estar pessoa, se expressa é porque há busca, mesmo que sutil, frágil, dolorida de uma existência. O sujeito não deixa de se manifestar de maneira inteligível e convincente, pelo contrário, há um grito que ecoa no silêncio, afinal de tudo, não se pode ter certeza de mais nada.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. APA. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

BAHKTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Estética da criação verbal. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARDIN, Laurence. Análise do Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUBER, Martin. Elementos do Inter-Humano. In: Do Diálogo e do Dialógico. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

DILTHEY Wilhelm. A construção do mundo histórico nas relações humanas. São Paulo: UNESP, 2009.

_____

HEIDEGGER Martin. Ser e Tempo. Tradução e organização de Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 24ª.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

NASSER, Maria Celina de Queirós Cabrera. O que dizem os símbolos? São Paulo: Paulus, 2003.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Folha Informativa Depressão. Brasília, 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SHAUGHNESSY, John, ZECHMEISTER, Eugene e ZECHMEISTER, Jeanne. Metodologia de Pesquisa em Psicologia. 9 ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SOLOMON, Andrew. O demônio do meio-dia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VANDENBOS, Gary. Org. APA. American Psychological Association. Tradução de Daniel Bueno et.al. Porto Alegre: Artmed, 2010.